O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2001- ANO V - Nº 57

EDITORIAL

No calendário litúrgico da Igreja católica, o dia 4 de outubro é dedicado a São Francisco de Assis, um dos santos mais modernos e um dos mais comoventes exemplos de fé, humildade e solidariedade. Foi criador de um sentimento pela natureza, que repercutiu na literatura e na arte medieval. É considerado o "santo dos ecologistas", cuja base de pensamento, alicerçada no amor pelos homens e pela natureza, pode ser constatada no seu belo "Cântico do Irmão Sol", composto no século XIII. Na espiritualidade simbólica dos quatro elementos presentes nesse poema (ar, água, terra e fogo), a água, que ele chama de irmã, simboliza a pureza: "Louvado sejas tu, meu Senhor, pela irmã Água que é tão útil e tão sábia, preciosa e casta".

A mensagem de Francisco de Assis, exemplo de união calorosa e respeito à natureza, continua atual, mesmo passados sete séculos. No entanto, grande parte da comunidade católica não aprendeu os ensinamentos desse santo ecologista: assistimos insensíveis à degradação do meio ambiente e à diminuição da água, precioso líquido essencial à vida, sem que nossas autoridades se empenhem em solucionar essa grave questão.

Em Piquete agrava-se o problema de captação e, principalmente, de distribuição de água. É grande o seu desperdício, principalmente por ser gratuita. A FCR tem procurado conscientizar, por meio deste Informativo, a população e nossas autoridades sobre a situação de nossas encostas, mananciais e rios, apontando para a necessidade de maior empenho por parte de todos para sua preservação e recuperação. É preciso envolvimento da comunidade, num trabalho de educação ambiental nas escolas, igrejas e demais setores da sociedade. Rios sujos e deteriorados, verdadeiros esgotos a céu aberto, como os de Piquete, revelam uma verdade cristalina: é mais sensato não sujar do que limpar a água.

A sempre oportuna mensagem de São Francisco, de amor à natureza, precisa ser constantemente lembrada e, principalmente, vivenciada neste milênio que se inicia. Da água, elemento findável, depende a sobrevivência do planeta.

Foto Paulo C. Neves

Fazenda Sta. Inês, no bairro dos Marins. Sinésio Ferreira, seu proprietário, recentemente falecido, foi grande incentivador e divulgador da cultura tropeira e presença constante no Revelando São Paulo.

Revelando São Paulo 2001

Pelo terceiro ano consecutivo, Piquete se fez presente no "Revelando São Paulo", evento promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, que aconteceu de 13 a 23 de setembro, no Parque da Água Branca, na capital do Estado.

O Revelando São Paulo é a menina dos olhos da Secretaria de Cultura e vem acontecendo desde 1997. Nessa grande feira, a população tem oportunidade de conhecer o que o estado de São Paulo tem de melhor em suas tradições, não só o folclore e outras manifestações culturais, mas também sua rica e diversificada culinária. Esse evento é uma grande confraternização - mostra que, apesar da massificação e influências diversas impostas pela mídia, a cultura paulista vive e floresce, cada vez mais forte, em todos os quadrantes do Estado.

Para o Secretário de Recuperação de Bens Culturais, Emanuel Von Lauertein Massarini, "o resgate do patrimônio histórico, da tradição, do folclore, da religião e da gastronomia do Estado só vem fortalecer os municípios. O brasileiro precisa começar a amar a si próprio e ao que tem. Precisa recuperar sua história e a da cidade, buscando a identidade das coisas", resumiu.

O Secretário da Cultura do Estado, Marcos Mendonça, em entrevista ao jornal Metrô-News, referiu-se ao evento dizendo: "Este é um projeto que resgata as origens do povo paulista, dando uma resposta eficiente à globalização, que hoje massifica e faz desaparecer a identidade mais autêntica da verdadeira cultura popular." Na abertura do evento, Toninho Macedo, Diretor Artístico e um dos organizadores da Feira, citava, em entrevista à TV, que o ponto alto da abertura seria o desfile de tropas e carros-de-boi de Piquete, cidade em que estes instrumentos de transporte ainda fazem parte do dia-a-dia da zona rural.

Pelo Secretaria de Cultura do Estado foi dado total apoio à ASTROCAP, para que Piquete se fizesse presente a esse importante evento. Foram levados quatro carros de bois encestados e duas tropas de mulas completas, que participaram da abertura oficial. Atenção toda especial foi dada aos tropeiros e carreiros de Piquete: Ademir, Sinésio, Luiz Carlos, Zé Pretinho, Édson Carvalho, Lino César, Carmem Lúcia e Cíndia Márcia, que foram a grande sensação do evento, a desfilar diariamente pela arena, atraindo a atenção da população da nossa maior metrópole e elevando o nome de Piquete.

Ao som de violeiros, passaram pelo rancho de tropas da ASTROCAP milhares de visitantes anônimos e alguns ilustres como o Secretário de Cultura do Estado de São Paulo, o arcebispo de São Paulo, D. Cláudio Hummes, José Carlos Zaninetti, Diretor de Atividades Culturais do Estado de São Paulo, Luiz Carlos Beraldo Leite, prefeito de Piquete e vários outros das mais de 180 cidades presentes ao evento.

Com a participação no "Revelando São Paulo", Piquete resgata e fortalece suas tradições. Passa, assim, a ser referência em todo o Estado quando o assunto é tropeirismo.

Imagem - Memória

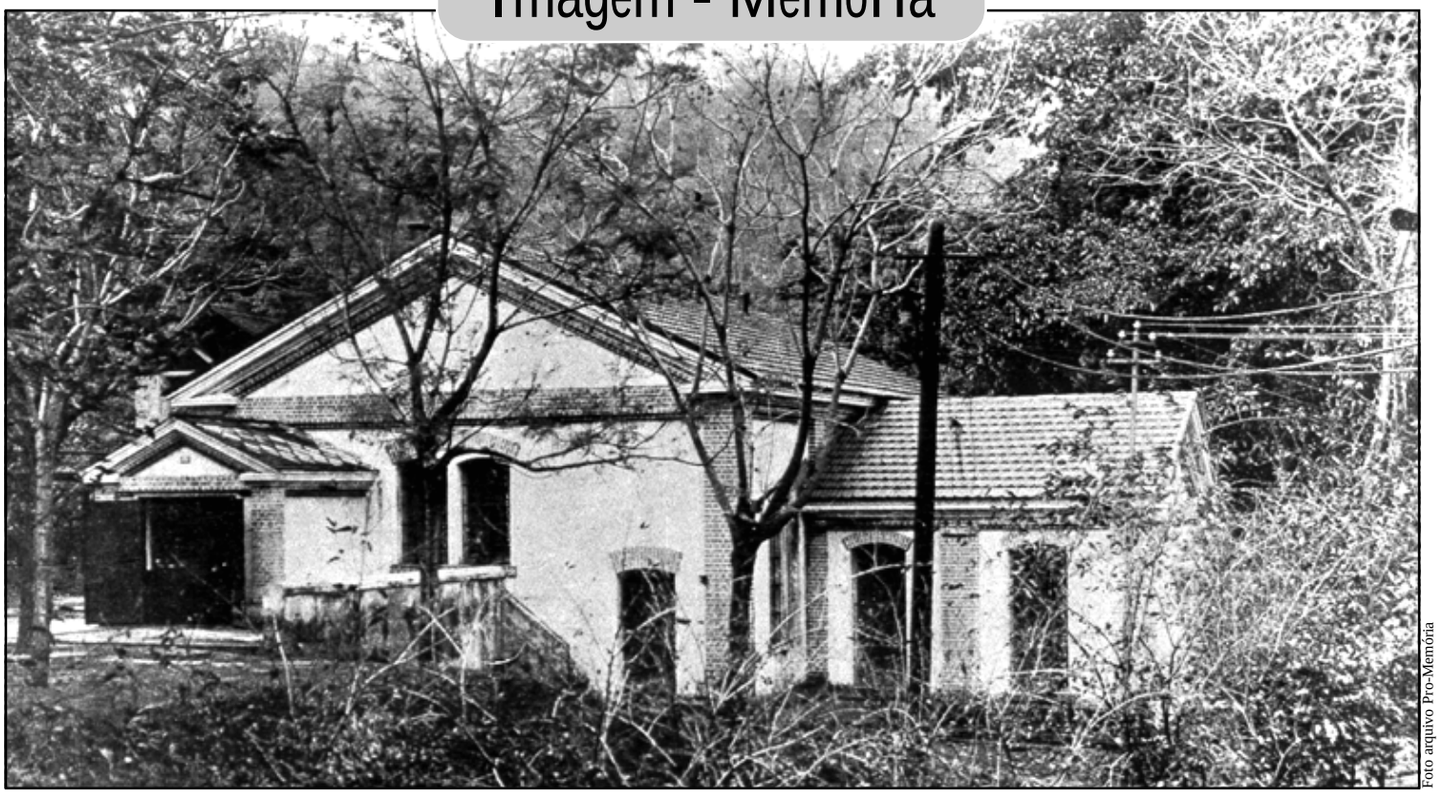


Foto arquivo Pro-Memória

Prédio do 2º Grupo da Fábrica Presidente Vargas, usado para depósito do algodão bruto, polpação, lavagem, purificação e nitração, para formar a massa explosiva. Foto da década de 20.

As dependências da FPV

Quem ainda não teve a oportunidade de conhecer, "in loco", o seu recinto interno, pode supor tratar-se de uma pequena área contendo um reduzido aglomerado de barracões geminados, a exemplo de tantas fabriquetas de explosivos existentes pelo Brasil a fora.

Enganam-se. Seu território é vasto, com mais ou menos 3 km^2. Suas vias de trânsito são amplas, pavimentadas. As edificações são vistosas, todas de construção em alvenaria, com destaque para os prédios da Administração Geral e do Laboratório Químico, ambos rodeados por alamedas e jardins floridos.

À época de sua inauguração, em 1909, a Fábrica de Pólvora sem Fumaça continha as seguintes dependências: a meio caminho para o portão de entrada erguia-se a majestosa Usina "Rodrigues Alves", geradora de energia elétrica para as dependências internas e para a Vila "Estrella do Norte". Ainda externamente, próximo à sua entrada, destacava-se o casarão do Almoxarifado Geral.

Junto à Guarda militar, internamente, situava-se a Casa do Ponto, destinada ao controle de entrada e saída dos funcionários. Ladeando uma avenida asfaltada, localizavam-se os prédios de manutenção: à direita, Carpintaria, Marcenaria, Mecânica pesada, Mecânica de precisão, Funilaria, Caldeiraria, Estação Elétrica e Casa da Força destinada ao fornecimento de vapor e ar comprimido para algumas oficinas.

Do lado esquerdo havia o prédio do novo Almoxarifado na parte térrea e, no andar superior, a Tesouraria e o Escritório Geral. Mais à frente, o prédio da Administração Geral, um belo edifício imitando um castelo medieval (posteriormente modificado no seu estilo), destinado, na parte térrea, aos Gabinetes dos Subdiretores Administrativo e Técnico e, no andar superior, ao Gabinete do Diretor Geral e à Secretaria. E logo mais adiante, o imponente prédio do Laboratório Químico. E lá no fundo, à entrada da mata da Mantiqueira, o Laboratório Balístico e a Represa "Marechal Argollo", fornecedora da água para o funcionamento da Usina "Rodrigues Alves" e as demais dependências do estabelecimento.

Quanto às oficinas destinadas à produção bélica, contavam-se: **1º Grupo**: fabricação dos diversos tipos de ácido (nítrico, sulfúrico e clorídrico) e à produção de éter e acetona. **2º Grupo**: depósito do algodão bruto, polpação, lavagem, purificação e nitração, para formar a massa explosiva. **4º Grupo**: oficinas de masseração, de granulação e corte da pólvora de base simples (para fuzil, metralhadora e canhão) e para produção de pólvora de caça, de recuperação dos dissolventes, de secagem, de grafitagem, de mistura dos lotes acabados, de embalagem e vários paióis-depósitos.

No início da década de 30, novos prédios foram construídos: garagem geral e de manutenção da frota de carros e, em clareiras abertas na Mantiqueira, várias oficinas para produção do ácido "óleum" e para o fabrico do explosivo "trotil". E nos meados da década teve início a construção das oficinas para a produção de pólvoras de base dupla, compreendendo: **3º Grupo**: oficina de nitração para a produção de nitroglicerina, destinada ao fabrico de dinamite e gelatina explosiva para fins comerciais, e pólvora. 6º Grupo: preparo da massa explosiva (b3); laminação preliminar (b4); laminação final (várias oficinas, b4); cortadoras e termostatos (b5); peneiragem (b6); prensagem (b7); grafitagem e embalagem (b8); e vários paióis para armazenagem.

Temos de considerar, ainda, outras dependências externas: o prédio do desativado Contingente Militar, a Estação Ferroviária "Estrella do Norte", o Hospital-Maternidade e Farmácia, as casas da Av. Gomes Carneiro, a Vila Duque de Caxias, com dois clubes recreativos, escolas e dezenas de residências.

E sobretudo, a Vila Militar "Estrella do Norte", bairro residencial dos Engenheiros militares e Técnicos civis, pavimentado, ajardinado, com belas palmeiras imperiais, com água canalizada, luz elétrica, moderno cassino, cinema, parque infantil e dezenas de casas confortáveis, sobressaindo-se a Casa 1, residência do Diretor Geral, suntuosa mansão, um luxo para a época. Enfim, uma espécie de condomínio, isto é, um bairro "chic" dotado de todo conforto, inserido na periferia de uma cidade pobre – Piquete, sem água encanada, sem luz elétrica, com meia dúzia de ruas e ruelas, todas de terra. Tudo isso constituindo um verdadeiro contraste. ***João Vieira Soares***

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração*:* Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

D. Conceição Godoy Soares

De família, tradicional, Conceição Godoy Soares, 81 anos completados em 23 de abril, nasceu no bairro do Embaú, filha mais nova, entre quatro irmãos, de Rosmínio de Godoy e Firmina Gomes de Godoy. Até os 8 anos viveu naquele bairro. Depois foi para Guaratinguetá, onde estudou para formar-se professora, em 1940. Orgulha-se de dizer que "não perdeu ano algum...".

O início da carreira foi, por pouco tempo, como substituta em Cachoeira Paulista. Em 1941 surgiu uma vaga em Piquete e Conceição veio para a terra que "a acolheria muito bem...". Ao chegar, passou a residir no Hotel das Palmeiras. No início, lecionou em uma pequena escola municipal, no bairro da Tabuleta, transferindo-se, em 6 de maio de 1941, para o Grupo Escolar da FPV (atual Escola "Guimarães Rosa"). Aí permaneceu, como substituta, por 1 ano. Em seguida foi para o Grupo Escolar Antônio João, onde lecionou até se aposentar, com 35 anos de serviço, em 1977.

O amor pela profissão pode ser constatado quando fala com carinho das companheiras que teve durante a carreira: Mariinha Mota, Maria do Carmo Pascoal, Céli Guedes, Wanda Mota, Irene Sorbile, Eunice Fernandes, Cida Uchoas, Yolanda Luz e "muitas outras que a cabeça já não me permite mais lembrar...".

Já na primeira semana em que lecionou no Grupo Escolar da FPV, conheceu, no percurso de trem entre a escola e a estação Rodrigues Alves, o "sempre educado e gentil...", Luiz Vieira Soares, com quem viria a se casar. Lembra-se de que, quando da primeira vez que Luiz Vieira sentou-se ao seu lado no trem, seu primeiro gesto foi fechar o vidro para que o vento não a incomodasse. Foi um grande amor que resultou em "...53 anos de união: uma vida perfeita, ao lado de um companheiro perfeito", dois filhos, netos e bisnetos.

O espírito humanitário e a vocação pela caridade nortearam a vida desta mulher que foi, por três vezes, a primeira dama de Piquete. Mesmo "...não querendo que o Luiz se envolvesse com política...", acompanhou o marido sempre. Recorda-se de momentos difíceis pelos quais o marido passou, sem nunca trazer problemas para dentro do lar. Está certa de que, em todas as gestões, cumpriu o seu dever, dando o melhor de si.

Conceição vive hoje em Lorena. A idade não lhe permite mais viver sozinha em Piquete. Mora com a filha e o genro, cercada de cuidados e do amor da família. Mantém a mente ativa. Educadora nata, preocupa-se com o atual método de ensino. É contra a "promoção automática" dos alunos, que, acredita, os prejudica. Os trabalhos para a Oficina de Santa Rita, que realiza há anos, ainda lhe são muito importantes.

Os gestos comedidos, a consciente discrição, a calma, a sensibilidade acentuada e a sinceridade fazem desta senhora uma professora invejável, dando-lhe ares de "rainha mãe", sem, no entanto, tirar-lhe a candura de um anjo, de uma vovó da qual se espera, com ansiedade, lições que, com certeza, não serão aprendidas em banco de escola alguma, só durante uma vida de caridade, de doação, de amor e dedicação ao próximo.

Inauguração do Mercado Municipal, em 1962. Ao centro, primeira-dama de Piquete à época, Dona Conceição Godoy Soares, ladeada, à esquerda, por José Armando de C. Ferreira, Presidente da Câmara, Carvalho Pinto, Governador de São Paulo, e à direita, pelo marido, Luiz Vieira Soares.

Foto arquivo Pro-Memória

Mais uma vez - água

Celso Colombo

Com as primeiras chuvas, o sorriso e a alegria retornam a muitos lares piquetenses. Enfrentamos uma estiagem prolongada que, castigando a produção de água nas nascentes, levou irritação e desespero tanto aos moradores, como aos responsáveis pela captação, tratamento e distribuição da água. Muitos compreenderam a gravidade da situação e, temporariamente, abandonaram o desperdício de água, que ocorre por meio das freqüentes e contínuas lavagens de veículos e calçadas. Outros, entretanto, amalgamados pelo vício cultural e histórico, deram continuidade às ações de desperdício em momento de difícil abastecimento. É desesperador assistir a essas pessoas na festa da gastança de água, enquanto escolas, entidades beneficentes e moradores de lugares altos clamavam por algumas horas de água. Que essa situação difícil, vivenciada pela nossa gente, sirva de lição para os próximos anos, uma vez que a ciclicidade climática terá prosseguimento. Precisamos ser mais responsáveis, amigos, solidários e trabalharmos pra a conquista do bem comum. Não há mais espaço no mundo para os espertalhões, para os que gostam de levar vantagem em tudo. É preciso ser cidadão e exercitar a cidadania.

Superando, de forma gradativa, os problemas de abastecimento e distribuição, em função de um novo modelo de gestão e tratamento de água, estamos convictos de que temos água de qualidade invejável. Para comprovar isso, recentemente, um técnico de uma empresa de equipamentos de laboratório para análise de águas, em visita a Piquete, afirmou que nossa água é quase mineral. E que, em inúmeras andanças por nosso Estado, raras foram as vezes em que se deparou com água de tão boa qualidade como a nossa.

Frente à essa afirmação vinda de um técnico que pisava pela primeira vez em solo piquetense, vamos valorizar nossa água e enterrar a inglória fama de que nossa gente bebe água mal tratada e que a população infantil é rica em vermes. Quanto a isso, recentes análises realizadas pelo Instituto Adolfo Lutz, de Taubaté, têm registrado, de forma sistemática, a ausência de coliformes e bactérias heterotróficas em nossa água. Se bem cuidada e tratada, água é saúde e vida. Precisamos saber usar esse líquido precioso que se projeta no planeta Terra e que poderá levar a conflitos entre as nações. A população de nosso cidade tem que se conscientizar sobre o uso correto da água e aprender a valorizá-la. Ao lado disso, ações conjuntas, envolvendo o poder público e a sociedade, devem ser desencadeadas com vistas à recuperar nossas nascentes. Assim, em curto prazo, a natureza jogará em nosso favor, e a Serra da Mantiqueira, revigorada, derramará sobre nós, com mais freqüência e abundância, as lágrimas da vida. E, neste rincão da Mantiqueira, a vida prosperará de forma sábia e inteligente, e nossa população será reconhecida pelos excelentes trabalhos que desenvolve pela continuidade da água e da vida.

15 de Outubro – o que comemorar

Os professores são elementos dinâmicos na estrutura de uma sociedade. São agentes de transformação e antenas receptoras a conectar e a decodificar sinais anunciantes de resistência e de mudanças.

O que quer dizer isso?

É que são os professores elos entre o que um grupo social pretende em seu arranjo e os modos pelos quais a comunicação se faz na escola, hoje carregada de todas as complexidades de um mundo de velocidades avassaladoras.

Competir com os outros meios de comunicação é da necessidade do educador moderno. Todas as camadas do edifício social foram e estão sendo alteradas e, para acompanhar essa incessante e vertiginosa corrente é necessário estar atento, mas também manter um padrão de referência básica. Esse padrão é ligado a um conhecimento bem fundamentado como fonte emanadora, mas não estagnante.

O que está sendo dito aqui é que, primeiramente, uma base sólida é necessária, considerado um repertório lúcido de ética, de diagnóstico das realidades dos educandos e seus familiares, e, em segundo lugar, uma versatilidade para não permitir um ensino sem questionamentos. Mais do que nunca, os textos escolares precisam ser discutidos, criados por alunos com o auxílio dos professores, para não cair nas armadilhas de uma mídia hegemônica, que prefere audiência de rebanho despersonalizado.

Acompanhante do educando, hoje o mestre não mais impõe: suscita, pela dúvida, a busca e, motivando, desperta no aluno o interesse pela descoberta. As atuais propostas pedagógicas apresentam essa receita e induzem resultados. O essencial, entretanto, não é só treinar, facilitar a busca de resultados. É preciso introjetar um novo modo de pensar, de pluralizar as ações e atuar vigorosamente na construção de mentalidades voltadas para esses fins.

Um professor, trabalhando bem, é fertilizador, é semeador: colherá ao longo do tempo os frutos do trabalho. Missão árdua, sem o retorno imediato, é, nos dias de hoje, vista como desinteressante. Sublime, entretanto, quando há metas definidas e vontade de atingi-las.

Quanto mais ensinamos mais aprendemos.

Na verdade, mais aprendemos do que ensinamos, em nome de uma sabedoria que é sabor, tanto mais apurado quanto mais investimos no elaboração.

Há problemas que os professores gostariam de discutir: sua valorização no mercado de trabalho, isto é, ter melhor remuneração. Mas também precisamos, os professores, entender que a valorização de nosso trabalho é permeada pelo interesse em valorizar nosso educando. Para tanto, precisamos estar convencidos da natureza real de nosso objeto de ação: a de que é entre 0 e 3 anos que as conexões cerebrais se formam, e não depois dos 4 anos e mais. Assim, a valorização da inteligência do aluno começa mais cedo, e é nessa fase que devemos torná-lo um ser pensante e questionador, e não um mero receptáculo de informações desconectadas de suas realidades.

Aos professores da pré-escola, ensino básico, fundamental e médio cabe sempre grande responsabilidade. É comum serem atribuídas a esses mestres as dificuldades dos alunos em trabalharem, no curso superior, o conhecimento, desde um simples entendimento de texto.

De fato, nosso ensino é precário. Aprendemos a consagrar um texto sem contextualizá-lo, sem discutir com ele as afirmações. A moldagem do ensino seguiu essas regras. Aceitamos, apenas. Repetimos nas mesmas letras. Manipulamo-nos. É, entretanto, hora de aprender a ensinar, buscando respostas, argumentando posições. Este é o grande desafio da modernidade.

Aos professores, que como nós desejam ser cidadãos, a certeza de que no percurso está sempre a vitória, ainda que os prêmios sejam distanciados, mas perenes nos propósitos.

Assim, o que comemoramos no dia do professor é a disponibilidade individual para o cultivo de um jardim sem muros. Que seja também a da formação de cidadãos conscientes, pois nenhuma máquina substituirá os professores em sua profissão de fé.

Dóli de Castro Ferreira

O professor Leopoldo Marcondes, diretor do Curso de Aplicação Duque de Caxias, as professoras Eunice Fernandes, Jandira de Barros, Dirce Aquino, Dulce Bittencourt e Gessy Junqueira, a secretária Eunice Gonçalves e a escriturária Terezinha Masiero. Foto de 1956.

Foto arquivo Pro-Memória

Escrever cartas: arte esquecida

Transcorria o ano de 1954. Mais precisamente, 7 de outubro. Dia em que meu saudoso tio Dito levou-me até a escolinha rural no bairro do Cantagalo, pertencente à cidade de São Bento do Sapucaí. Ele, preocupado por me deixar num lugar de tão poucos recursos, distante mais ou menos 20km de São Bento. Eu, coração em festa, batendo forte. Cheio de esperança. Era a minha primeira escola, como professora efetiva do Estado!

Quando ele se despediu, gritei debruçada à pequena janela da Escola: "Me escreva!" Mantivemos correspondência. Belas cartas as de meu tio! Passava para mim muito otimismo, muita força! Além das cartas, enviava-me poemas, sonetos, dizendo sempre que desconhecia o autor. Mas o autor era ele mesmo! Meu tio era um poeta! Lembro-me de alguns trechos de um soneto que recitava sempre:

"Por uma montanha alcantilada,
Todos os quatro em alegre companhia:
O amor, o tempo, a minha amada e eu
Caminhávamos um dia.

De minha amada, no gentil semblante,
Já se viam indícios de cansaço,
E o amor corria adiante
E o tempo acelerava o passo..."

Quando no final do ano nos encontramos, ele comentou: "Engraçado como naquele dia você gritou 'me escreva', como se sua vida dependesse dessas cartas!"

De certa forma, dependia mesmo. Se não recebesse cartas, iria me sentir abandonada. É nas cartas que guardo o registro da minha vida, é nelas que faço confidências, analiso, conto novidades, reflito. Gosto de escrever e receber cartas.

Sei que nos dias atuais não é costume escrever cartas; essa arte "já era".

Com o avanço da tecnologia, a comunicação é rápida: telefone, televisão, internet, fax, e-mail, etc, etc...

As verdadeiras cartas não podem ser escritas quando se está apressado. Exigem tempo. A meu ver, elas são presentes que a gente precisa ter vontade de dar.

Quando falo em cartas, refiro-me à franqueza e às confidências que alimentam a amizade.

As melhores cartas podem conter apenas algumas linhas, ou umas poucas palavras no verso de um cartão postal, mas... as palavras certas.

Acredito que as pessoas pararam de escrever porque não querem perder tempo, e também porque não se sentem à vontade escrevendo.

Escrever cartas exige reflexão, atenção, imaginando de antemão o sorriso do destinatário, que certamente será de muita alegria.

Por outro lado, abrir uma carta de verdade compensa pelo menos algum tempo de solidão.

Eunice Fernandes

O tecido de nossas fantasias

Hábeis artesãs elaboram, nos séculos, valeparaibanas peças de grande habilidade, em pano, barbante, cerâmica, palha e outros materiais e tecem, nos teares manuais, tramas engendradas de beleza, cor e arte. E não são somente as mulheres; os homens também participam de toda essa criatividade. Trata-se de um labor continuo, dos tempos em que a indústria ainda não havia totalmente substituído essa rica artesania. Hoje, quase tudo se plastificou. E a globalização, com seus modelos descartáveis, anula a perenidade tranquila e faz recuar para os recônditos dos sobejos rurais os resistentes produtos do trabalho manual.

Claro que não podemos esquecer que todos esse objetos surgiram em função das necessidades, da improvisação, na rusticidade que definia os primeiros séculos da colonização. Nem todos podiam contar com os produtos importados da Corte, em Portugal, ou mesmo no Rio de Janeiro. Quando, no século XIX, o café enriqueceu proprietários de terras, fazendeiros e capitalistas, objetos de riqueza e fino lavor entravam profusamente confeccionados em pratarias, tecidos finos, tapeçarias, porcelanas da Companhia das Índias, cristais lapidados de fina sonoridade ao mais leve toque. Refinavam as fazendas e os casarões das vilas e cidades como símbolos de poder de seus distinguidos proprietários. Distanciava-os dos pequenos e médios produtores das classes subalternas. Mas, aos escravos reservavam-se os tecidos grossos de fabricação própria, num período de alvarás reais proibitivos à mecanização de processos produtivos, apesar da boa qualidade de nossas produções de algodão. Este, de posição destacada no mercado externo, exportado in natura, rendia bons negócios. Até que D. João, no Rio de Janeiro, percebeu a importância em ter produção manufatureira própria e liberou essa atividade. Assim, no labor, ao lado dos utilitários exigidos pelas

Foto Paulo C. Neves

Mula montada com jacás, instrumentos de trabalho de tropeiros, confeccionados, artesanalmente em taquara, em Piquete.

necessidades, surgiram os decorativos e conjugaram-se felizmente, numa explosão de criatividade de técnicas ingênuas.

As mulheres desses tempos passados trabalhavam muito nas roças, nas cozinhas, no trato familiar, na elaboração das artes manuais. Garantiam a manutenção dos cultos familiares, via religiosidade doméstica centrada nos oratórios de reunião diária, noturna, após o dia de trabalho sem tréguas. A devoção praticava-se depois da obrigação, com a presença da família completa, e, nas casas senhoriais, também com os escravos domésticos e os agregados. Quando existia a capela curada, nos núcleos maiores, a missa de mais cedo era das mulheres. Aos homens e aos ricos reservavam-se as solenes celebrações. Oportunidades para cultivar as cordialidades, contratos, acordos e nas pitadas irônicas, as maledicências e intrigas que enriqueciam os jogos do senhorio e da política.

Na faina diária, os crochês, os bordados, a costura, a cerâmica e a tecelagem manual permeavam os momentos ocupados preenchendo a vida de obrigações e significantes. Apontavam-se os mais hábeis e criativos. Tornavam-se notórios. Os autores personificavam-se nas peças. Abominava-se o ócio improdutivo. Assim, do barbante, da cerâmica, da cestaria, do papel e dos tecidos brotavam peças únicas, porque artesanais.

Somente os produtos mecanizados são idênticos. Os artesanais são singulares. Nos pequenos "defeitos" reside sua qualidade e identidade. Tornam-se valorizados hoje por aqueles que, induzidos pelas máquinas, descobrem que "tudo o que é sólido desmancha-se no ar", em nome de um progresso duvidoso e de uma modernidade que se falsifica nas próprias contrariadas definições. Portanto, ao singular o seu efeito. O termo modernidade, tomado de complexidades, é hoje rediscutido por uma ciência levada a sério.

Nos mosaicos das colchas, tapetes e almofadas de retalhos, nas bonecas e "bruxinhas" de pano, e nas flores singelas de coloridos fortes, um outro tempo relata o cotidiano e as mentalidades. Na madeira, nas taquaras, nos bambus, no barro, um outro tempo demarca-se, despreocupado dos séculos e dos milênios. Baseia-se, apenas, na trajetória meridiana do sol em seu semi-arco do dia-a-dia, e nas sombras das noites para amortecer as labutas e intermediar de sonhos as vivências. O tempo de que aqui se fala é o tempo no qual as pessoas são protagonistas, e não meros espectadores, esgotados rapidamente na busca de um novo, de um moderno e inquietante consumismo dosado de valores negativos. E, muitas vezes, carregado de extrema violência, no entredevorar de competências e rivalizantes ditadas por uma hegemonia determinante de modelo destrutivo.

Intoxicados de modernidade, as pessoas não produzem nem pensam. São tragadas pelo tempo: o tempo dos fluxos comunicativos das telas vertiginosas que, na maioria das vezes, espelham insatisfações e revoltas.

A verdade das migalhas atiradas sem contexto é a de que a imperenidade deve ser alimentada na fogueira das coisas vãs. Nelas nos espelhamos, para nos tornarmos espectros. A música, nos sons vazios, nas químicas estupefacientes, alimenta os espectros frente aos seus espelhos deformantes. Jogamos fora um passado de lutas. Julgamo-nos autênticos, autentizados pelo modelo hegemônico imposto. Nada melhor do que a globalização para fazer isso, com o tempo dos relógios a fragmentar a vida e a desmantelar as relações. Entupidas, nossas artérias explodem de pressas e presunção. E sem manual de instrução. Ou, se ele existe, de nada vale.

Dóli de Castro Ferreira

Mula carregando canastra de couro, que era utilizada para o transporte de roupas e utensílios íntimos.

Foto arquivo Pro-Memória

Mula Madrinha paramentada com cincerros, carregada com bruaca, canastra e outros elementos de confecção artesanal.

Foto arquivo Pro-Memória

Crônicas Pitorescas

Pato aqui, pato acolá...

Palmyro Masiero

Vereador da oposição, de uma cidadezinha do nosso interior paulista, quebrou o galho de um pequeno sitiante, junto ao prefeito da situação. Tinha o edil, até se esquecido do caso quando, num determinado sábado, pela manhã, o sitiante bate à sua porta. Atendido, ofereceu, como prova de gratidão ao político, um enorme pato para o melhorado domingueiro. Agradecimentos, a desnecessidade da oferta, que estava no cargo para a defesa do povo e coisa e tal, demagogou o vereador. Despediu-se o homem, ficando o camarista na varanda, com o patão embaixo do braço.

Foi uma festa! O vereador tinha seis filhos, de ambos os sexos, intercalados entre o primogênito de doze anos e a caçula de três. No quintal da casa, o pato, de tão grande, quase se arrastava no chão, bamboleando o rabinho de penas para lá e pra cá. O novo habitante do quintal foi o divertimento maior da garotada naquela manhã.

Encrencada estava a dona da casa. Matar frango, destroncando o pescoço, era galinha mole para ela, mas pato, não sabia como fazer! Coisa boa nesta terrinha do FMI é que sempre tem alguém por perto que sabe de tudo. Uma vizinha, que havia espreitado a cena da oferta, já se encontrava na casa do vereador, bisbilhotando, e resolveu o problema. Coisa simples, tinha que arranjar um prego bem grande e martelá-lo na cabeça do pato. Tiro e queda, melhor, pregou, quedou. Deu outras explicações sobre os tipos de condimentos, matá-lo na véspera para melhor calar o tempero, como saber quando estava no ponto, tirar do forno no dia seguinte.

Nasceu uma dúvida. A mulher disse ao marido que não tinha coragem de praticar tal ato. O homem disse à esposa que não o faria, pois isso era papel de quem cozinha. No quintal, a ave, satisfeita da vida, rebolava mais que grupo de alegres, transformada na atração central dos infantes da casa, sem saber que na cozinha seu destino já estava traçado, discutindo-se apenas quem iria sacrificá-lo.

Diante dos argumentos do vereador (tarimbado), a dona da casa, amargurada, foi convencida de que deveria ser a carrasca do pato. Sentia-se um Klaus Barbie feminino.

Já passava das três da tarde, todo mundo almoçado, inclusive o pato, quando a mulher mandou o filho mais velho se virar e arranjar um prego bem grande. Sem atinar a razão, o moleque se pôs em campo, e coisa de meia hora depois apareceu com um prego desse tamanho, todo enferrujado, e entregou-o à mãe. Esta mandou-o colocar um caixote no meio do quintal e, com o prego em uma das mãos e um macete de bater carnes na outra, por falta de martelo, mandou-o pegar a ave. Quando a criançada deu pela coisa, desabou um temporal de lágrimas, gritos de "não, mãe..." misturados com soluços. Da porta da cozinha, o pai, amuado, assistia à cena. Com os olhos marejando iguais ao do filho maior, que segurava o pato, esticando o seu pescoço, a mãe colocou o pregão enferrujado na cabeça da ave e "plaft", lá se foi a macetada. O pato soltou um "quém" macabro, esperneou, soltou-se, caiu do caixote e correu desengonçado pelo quintal, com o prego encravado na cuca. Soltava "quenquéns" Iancinantes, ao som de uma choradeira generalizada, até que por fim foi caindo, caindo e esticou as canelas...

Encurtemos a história. A mulher, penalizada, limpou, temperou; dia seguinte levou-o ao forno. A mesa foi posta e no centro dela, dourado, ataviado e cheiroso, o pato. Mas qual! Ninguém queria comer o petisco. Um silêncio gritante de amargura rodeava a mesa. Os rostos das crianças que olhavam para a mãe com raiva.

Como nem o dono da casa sentia vontade de saborear a ave, e como bom político não perde água de bica, mandou a mulher colocá-lo numa bandeja, fazer uma bela embalagem, Escreveu um cartão e mandou o garoto de doze anos levar o pitéu até a casa do prefeito que, por coincidência, aniversariava naquele dia.

Pelo menos dessa vez a situação não pagou o pato. Ganhou.

"O mestre que caminha à sombra do templo, rodeado de discípulos, não dá de sua sabedoria, mas sim de sua fé e de sua ternura.

Se ele for verdadeiramente sábio, não te convidará a entrar na mansão de seu saber, mas antes te conduzirá ao limiar de tua própria mente."

Gibran Khaliu Gibran

A mãe natureza pede socorro

De uns tempos para cá, nunca se falou tanto em preservação do meio ambiente. O homem, sempre preocupado com o progresso, usufrui da mais rica e preciosa matéria-prima do planeta: a natureza.

Natureza que é a mãe de todos os seres vivos, que beneficia o homem com madeira, minérios, água, ar...

Homem que só sabe sugar, aproveitar e retirar tudo o que esta indefesa preciosidade tem de mais valioso.

Não é a natureza que precisa do homem para a sua sobrevivência. Com certeza, se a espécie humana não existisse, a vida para as árvores, os pássaros, os animais, os rios, os peixes, seria muito mais tranqüila e duradoura.

Está provado. Somos nós, humanos, que necessitamos da vida da natureza para nossa sobrevivência.

Esta necessidade precisa ser harmônica, para que consigamos preservar e manter o pouco que ainda nos resta no meio natural.

Ah! Se a mãe natureza pudesse falar! Iríamos ouvir palavras absurdas e só nos restaria abaixar a cabeça e concordar. Talvez pudesse acontecer de outra forma, pois o homem se sente tão superior a tudo e a todos, que não se curvaria nem diante deste acontecimento. Então, só ouviríamos os gemidos de dor e de sofrimento da mãe natureza morrendo aos poucos pelas mãos do homem.

Tudo o que jogamos de ruim para o universo recebemos, em dose múltipla, de volta. Os exemplos estão aí, ocasionando inúmeros problemas à saúde e à vida dos seres humanos.

O desmatamento contribui para a seca das nascentes e fontes, bem como para a poluição do ar. As árvores são responsáveis pelo processo de fotossíntese, consumindo gás carbônico e eliminando oxigênio.

Temos aproximadamente 1% de água doce potável na Terra e o homem continua poluindo.

O efeito estufa, o buraco na camada de ozônio, as chuvas ácidas... animais em extinção pedem socorro!

Quantos são os problemas! Quantas são as dificuldades!

De nada adianta ficarmos lamentando, assistindo à desgraça. Precisamos agir urgentemente; arregaçar as mangas, colocar a mão na massa.

De que forma?

Bem. Primeiramente, você precisa se conscientizar de que esta mobilização é essencial para a sua vida e a das futuras gerações. Depois, procure olhar ao seu redor, veja que todo bem material que você possui vem da natureza. Economize energia, não desperdice água, separe o lixo em casa e colabore com a coleta seletiva, não polua os rios, lagos e mares...

Que tal começar por aí? Amenizando o sofrimento da mãe natureza, com certeza você estará preservando sua vida e a de nosso planeta. **Rodrigo Nunes Godoy**

Anotando

Damos, a todo momento, testemunho de nossa natureza humana, pois um de nossos principais atributos é a memória, pela qual construímos a vida, desde o menor e mais necessário gesto.

Registrar, portanto, oralmente ou por escrito, é apanágio e privilégio nosso.

Alguns acontecimentos passaram, neste mês de setembro, a fazer parte de nosso repertório de identidade.

Revelando São Paulo

Entre 16 e 23 deste nosso corrente mês de 2001, Piquete representou-se, com empenho, no evento estadual "Revelando São Paulo", no Parque da Água Branca, na capital. Três modalidades representativas de nossa comunidade lá demonstraram seu esforço e produto de laboriosas ações: a ASTROCAP com os tropeiros e carreiros, a Estação das Artes e seu artesanato e o incansável "chef" e confeiteiro Oswaldo "Vado" Soares , que, ao lado de seu irmão Hugo Ricardo Soares, deliciaram-nos com os produtos saborosos e inigualáveis de sua faina. Nossos tropeiros e carreiros, entre eles Ademir, Sinésio, Cigano e seus conjuntos mostraram o desempenho de um dia-a-dia matizado de muita emoção e esforço. É sempre emocionante ver esses homens tão bem dispostos em demonstrar seu aprendizado árduo junto aos animais, em ação compartilhada. Na cozinha, Carmem e Cia. formavam uma equipe de boa comida ao pé-do-fogo. A sopa fumegante no meio da noite, sob a luz das estrelas, e o som cavo e pulsante da metrópole do entorno, no contraponteado das violas, como musa da memória, tramavam signos, épocas e valores. No artesanato, a representação de Piquete fez-se condignamente por Anacyr Araújo e suas primas, que, com o Cel. Alfredo Araújo, falavam de Piquete como pátria própria e bem querida. Presentes também Maria Aparecida Silva (Ya) e Jonas.

Sinézio Ferreira conduz carro-de-bois durante o Revelando São Paulo 1999.

Foto arquivo Pro-Memória

No centro de alimentação, Oswaldo era, nas suas iguarias, o retrato vivo das hábeis mãos a elaborar alimento: deliciosas broas, bolos e os doces Mantiqueira, de Pedro Sabão, todos de primorosa elaboração. Estávamos entre os melhores e, para mim, o melhor de todos os melhores, se me permitem a ênfase. Como sempre, orgulheime de também ser piquetense.

Festa de São Miguel Arcanjo

A festa de São Miguel, dia 29 de setembro, teve suas principais atribuições: rememoração e comemoração.

A missa das 10 horas rememorou-nos nossa mais cara tradição, construída no tempo e na presença do Coral Santa Cecília completando seus belos 60 anos de existência. O emérito maestro Luiz Vieira Soares, lembrado com saudade, teve no novo maestro, Joair Santos, a exemplaridade explicitada. Encantou-nos o esforço e a alegria do Coral em apresentar, no original, o Kyrie, o Gloria e o Sanctus, da "Missa Solemnis in Honorem Sancti Michaelis Archangeli". Parabéns, amigos!

Na missa noturna, D. Eduardo Benes, em homilia sábia, deu-nos o ensinamento dos significados dos anjos e a perenidade do entendimento da missão do Pastor. Fez-nos ver o Arcanjo Miguel em sua plenitude e força e transmitiu-nos, com viva voz, a importância da dignidade de um povo. A nova Matriz reverberava de sons e luzes filtradas nos vitrais da catequese sobre os anjos, obra em que o Pe. Cícero Ferreira se empenhou em liderança da comunidade.

Comemorativos e rememorativos, os membros de nossa comunidade participaram engrandecidos. ***Dóli de Castro Ferreira***

Integrantes do Coral Santa Cecília após almoço em comemoração aos 60 anos do grupo.

Foto arquivo Pro-Memória

Caminhos piquetenses

Quem passa pela estrada que liga Piquete a Lorena, sem dúvida, corre dois perigos: o primeiro é o de cair nos buracos, que, agora, estão sendo tapados "malemá", como dizem os mineiros que também passam por ela; o segundo, um perigo prazeroso, o de se distrair, contemplando os ipês floridos à beira da rodovia.

A cada curva uma surpresa deliciosa aos nossos olhos: lá está a árvore completamente florida.

Quase secas pela falta de chuvas, delas brotam buquês de flores que fariam inveja às mais requintadas noivas.

Num trecho, ao lado esquerdo de quem vai de Lorena para Piquete, um campo cheio de flores amarelas dá ao local um ar europeu, ou mesmo de uma Campos do Jordão.

É a natureza se fazendo olhar, apesar da fumaça preta dos carros, da seca implacável provocada pelo desequilíbrio ambiental e das queimadas irresponsáveis.

Piquete adentro, deparo-me com o enorme ipê ao lado da casa dos pais de minha saudosa comadre Arlete Ferreira atapetando o chão com flores amarelas, como numa procissão de Corpus Christi, como ela gostava.

Na Praça do Jambeiro, uma árvore, creio eu, que fazendo jus ao nome do logradouro, deva ser um jambeiro, parece não ter galhos, somente flores. Vistas dos fundos de minha casa, no alto as flores brancas pairam no ar, como se estivessem suspensas pela brisa.

Justifica-se, então, o dom de artistas como Pacheco, Lúcio Meireles, Eunice Fernandes, Paulo Nader, irmãs Amaral, Taninha Chaves, e outros mais que pincelam, nas telas o presente doado por Deus a nós, piquetenses. ***Suely Brito Vilar Torino***

Ipê florido em rua de Piquete.

Foto arquivo Pro-Memória

Notas da Cidade

- O Coral Santa Cecília completou, no dia 29 de setembro, 60 anos. A data foi comemorada com um almoço que contou com a presença de seus membros. Durante o encontro, foram reproduzidas gravações de algumas apresentações do Coral e prestadas homenagens ao saudoso Sr. Luiz Vieira Soares, ex-maestro do grupo.

- O Centro Espírita "Deus e Caridade" de Piquete promoveu, em comemoração ao XVII Mês Espírita, um ciclo de palestras com diferentes temas, que contaram com palestrantes de diversas cidades. Parabéns aos organizadores.

- A exposição "Um Olhar sobre a Mantiqueira", com fotos de Frank Ferrer Sene e textos de Dóli de Castro Ferreira, organizada pela FCR, foi montada na Fundação Pastoral Santa Fé - Projeto Resgate de Cidadania, dos padres jesuítas, em São Paulo, na primeira semana da primavera. No dia 17-10, será exposta em Jacareí, na empresa Latapack-ball. É Piquete sendo divulgada na região.

- Teve início no dia 6 de outubro, na quadra da E.E. Leonor Guimarães, a 4ª Taça de Futebol de Salão "Cidade Paisagem". O organizador Rodrigo Nunes agradece o apoio recebido do comércio local.

São Francisco de Assis (1182-1226)

A tradição cristã, ao contrário do budismo ou dos ritos célticos, afastou-se progressivamente da natureza. Foi um movimento histórico natural, nascido da sua oposição aos cultos pagãos, muitos deles animistas, que concorriam com o cristianismo nos primórdios do primeiro milênio. Francesco di Pietro di Bernardone – São Francisco –, filho de um rico mercador de tecidos, abandonando os valores da família em que havia sido criado, recupera o elo entre o lado místico cristão e as forças naturais. Rompeu, em 1202, com a juventude rica da região de Assis, para devotar-se ao serviço de Deus e viver um ideal de pobreza e de testemunho evangélico.

Amigo de todas as criaturas e de toda a criação, espalhou solicitude, compreensão fraternal a todos, caridade no sentido mais elevado, ou seja, amor. E a história lhe deu em troca a mesma simpatia e admiração afetuosa.

O pacifismo de São Franciso é exemplo a ser seguido pela humanidade. Neste momento difícil em que o mundo se volta para uma ação contra o terrorismo, devemos nos unir fraternalmente na busca de nosso aprimoramento espiritual.

Ecologista na sua fascinação pela natureza, São Francisco manteve íntima relação com Assis, sua cidade natal, na região da Úmbria, norte da Itália. A geografia e a história, também com naturalidade, lhe compuseram o cenário e o meio ambiente íntimo que lhe mostraram, com evidências inesgotáveis, as ligações profundas que o uniram à terra.

Foto arquivo Pro-Memória

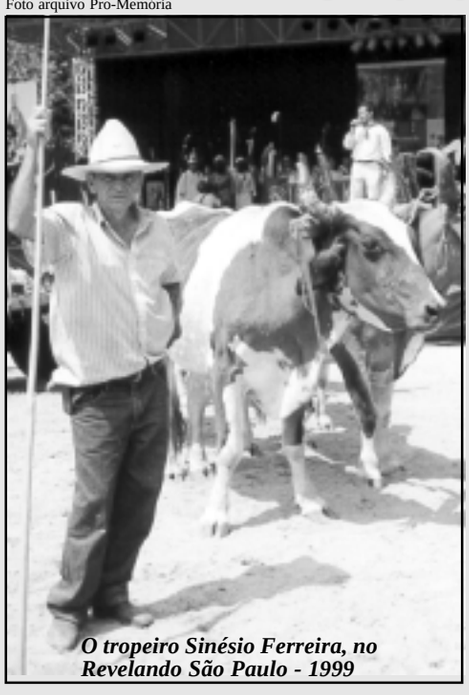
São Francisco de Assis, trabalho em argila do artista plástico Luciano de Almeida.

Testemunhas da época relataram as suas pregações para flores e aves – nos seus textos religiosos chamava as andorinhas, os lobos, o Sol e a Lua de "irmãos". Francisco via o homem em pé de igualdade aos outros seres vivos, todos frutos da mesma criação divina.

Modelo de santidade centrado sobre o Cristo, a ponto de se identificar com Ele como o primeiro homem a receber os estigmas, Francisco foi uma das personagens mais impressionantes de seu tempo e, até hoje, da história medieval. "Bem aventurados os que sustentam a Paz." ***AC***

O Homem feliz

Foto arquivo Pro-Memória



O tropeiro Sinésio Ferreira, no Revelando São Paulo - 1999

S abe,
E xistem momentos
O nde a

S abedoria e a
I nteligência
N ascem! Sem estudo e sem cultura.
É assim!!!
Z omba-se do caipira!!!
I nteriorano em nossos corações,
O homem do campo é antes de tudo

F eliz e tranqüilo.
E sculpe em nós suas
R aízes.
R esiste ao tempo!!!
E screve, sem caneta, suas estórias...
I ncorrigíveis certos caboclos...
R aros são estes homens, para os quais
A vida jamais acaba.

Um sobrinho que teve a bênção de conhecer um certo caipira...

A graça de existir

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

As perguntas nascidas da dor – a experiência da perda e do mal no mundo – revelam que o coração do homem foi plasmado para a alegria, uma alegria sem sombras. É nos momentos de mais intenso sofrimento que emergem inevitáveis e pungentes as perguntas sobre o sentido da vida: Por que tudo isso? Terá a vida sentido? Perguntas como estas não se poriam se não fosse o clamor da verdade a reclamar espaço dentro da experiência humana. É como disse o Papa João Paulo II na encíclica "Fé e Razão": "Basta observar a vida de todos os dias para constatar como dentro de cada um de nós se sente o tormento de algumas questões essenciais, e, ao mesmo tempo, se guarda na alma o esboço das respectivas respostas". Não haveria perguntas tão lancinantes se o anseio por uma vida plena não constituísse a verdade mais profunda de nosso ser, oculta sob as sombras de nossas dores. Houve pensadores que afirmaram ter o homem inventado a religião para não se confrontar com a verdade de uma existência, de si mesma, vazia de sentido e inevitavelmente destinada à dissolução. Ela nasceria do desejo teimoso e incapaz de assimilar a dura realidade de uma irremediável finitude. Estranho raciocínio esse que diante da sede conclui ser a água uma ilusão da fantasia premida pelo desejo. Se a existência humana aparece como persistente busca de vida, e de vida em plenitude, e se essa é uma busca inútil, porque destituída de sentido, então, é verdade, a existência é radicalmente angústia e impotência. A conseqüência desse posicionamento é a negação da existência de Deus ou a crença em um Deus que teria criado o homem para se divertir com suas inúteis tentativas de ser feliz. A existência foi por alguns mitos pensada como castigo e culpa. Não é este o sentir da fé cristã ao rezar: "Creio em Deus Pai, Criador do céu e da terra". A mensagem do livro do Gênesis apresenta a existência do universo e do ser humano como uma dádiva de amor de um Deus desejoso de fazer outros partícipes de sua alegria de ser. A existência não é desgraça, é graça; não é culpa, é alegria de ser. Crer em Deus é crer na vida e viver na alegria e na gratidão.

Festa dos Marins
de 08 a 11 de Novembro

A comunidade do Bairro dos Marins convida para a tradicional festa de sua padroeira, Nossa Senhora Aparecida.